



SEÇÃO: ARTIGOS

O encontro de subjetividades no enunciado: apontamentos sobre alteridade e linguagem nos escritos do Círculo de Bakhtin

Subjectivity encounter within the utterance: notes on alterity and language in the writings of Bakhtin and his Circle

El encuentro de subjetividades en el enunciado: apuntes sobre la alteridad y el lenguaje en los escritos del Círculo de Bajtin

Eduardo da Silva Moll¹

orcid.org/0000-0002-0635-9845
eduardosilva.moll@gmail.com

Maria da Glória Corrêa

Di Fanti¹

orcid.org/0000-0002-5399-5377
gloria.difanti@pucrs.br

Recebido em: 02 jan. 2022.

Aprovado em: 02 jan. 2022.

Publicado em: 20 abr. 2022.

Resumo: Os escritos bakhtinianos, em sua perspectiva filosófica, tem como pressuposto a alteridade na constituição do enunciado concreto, do sujeito e do sentido em seus embates dialógicos. Se o enfoque ao ato ético, responsivo e responsável permite-nos salientar o encontro entre sujeitos como condição da unidade de sentido do ato, então o enunciado concreto prevê o encontro entre subjetividades que, na produção de sentidos, objetivam-se responsabilmente numa dada materialidade discursiva. Partindo desse cenário, este artigo tem como objetivo apontar relações entre alteridade e linguagem nos escritos do Círculo de Bakhtin, ressaltando o encontro com o outro na (inter)constituição de subjetividades e de sentidos. Na resposta a esse objetivo, realizamos, em diálogo com pesquisadores bakhtinianos, uma pesquisa bibliográfica ancorada nas obras do Círculo, organizada em três momentos. Primeiramente, enfocamos a alteridade nos escritos bakhtinianos primeiros, visando delinear uma dinâmica de construção da subjetividade a partir do encontro dialógico com o outro. Depois, debatemos a incidência dessas reflexões nas conceituações de ideologia, de consciência, de heterodiscurso e de estilística do enunciado, no intento de compreender a emergência do encontro entre sujeitos na materialização de sentidos. Por fim, articulamos uma possível tessitura teórica para o estudo da (trans)formação subjetiva no e pelo encontro de sujeitos e palavras, abrindo, ao final do artigo, para perguntas outras que possam inspirar a investigação da estilística do encontro com o outro em enunciados concretos.

Palavras-chave: Alteridade e Dialogismo. Linguagem. Subjetividade. Ideologia. Estilística do enunciado.

Abstract: Due to their philosophical perspective, the writings of Bakhtin presuppose alterity in the understanding of the utterance, the subject and the meaning within their broad dialogical tensions. If the ethical, responsive and responsible act allows us to highlight subject encounter as a condition for conceiving the act's meaning integrity, then the concept of concrete utterance privileges the encounter of subjectivities that, in terms of meaning, are responsively objectified in a given discursive material. Based on this scenario, this article aims at pointing out relationships between alterity and subjectivity in the writings of Bakhtin and his Circle, emphasizing the encounter with the other in the construction of both subjectivity and meaning. In order to do so, we undergo a bibliographic research based on the works of the Circle, as well as on the works of Bakhtinian researchers. Our discussion is divided in three sections. First, we shed light on



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS, Brasil.

alterity in early Bakhtinian writings, so as to outline a dynamics of subjectivity construction based on the dialogical encounter with the other. Then, we observe the incidence of such dynamics in the concepts of ideology, consciousness, heterodiscourse and utterance's stylistics, eliciting the emergence of intersubjective encounter in meaning-making. Finally, we articulate a plausible theoretical basis for the study of subjectivity (trans)formation vis-à-vis the encounter of subjects in discourse, raising questions that might inspire studying the stylistics of intersubjectivity encounter within concrete utterances.

Keywords: Alterity and Dialogism. Language. Subjectivity. Ideology. Utterances' Stylistics.

Resumen: Los escritos bajtinianos, en su perspectiva filosófica, presuponen la alteridad en la constitución del enunciado concreto, del sujeto y del significado en sus choques dialógicos. Si el acto ético, responsivo y responsable nos permite resaltar el encuentro entre sujetos como condicionante de la unidad de sentido del acto, entonces el enunciado concreto prevé el encuentro de subjetividades que, en la producción de significados, son objetivamente personificadas en una dada materialidad discursiva. Basado en esto, este artículo pretende señalar las relaciones entre alteridad y lenguaje en los escritos de Bajtin y del Circulo, enfatizando el encuentro con el otro en la (inter) construcción de subjetividades y de significados. Para tanto, llevamos a cabo, en diálogo con investigadores bajtinianos, una investigación bibliográfica basada en los trabajos del Circulo, en tres momentos. En primer lugar, focalizamos la alteridad en los escritos bajtinianos primeros, delineando una dinámica de construcción de la subjetividad a partir del encuentro dialógico con el otro. Posteriormente, debatimos la incidencia de estas reflexiones en los conceptos de ideología, conciencia, heterodiscursivo y estilística del enunciado, en un intento por comprender la emergencia del encuentro entre sujetos en la materialización de significados. Finalmente, articulamos una trama teórica plausible para el estudio de la (tras)formación subjetiva en y a través del encuentro de sujetos y palabras, lanzando preguntas otras que pueden inspirar la investigación de la estilística del encuentro con el otro en enunciados concretos.

Palabras clave: Alteridad y Dialogismo. Lenguaje. Subjetividad. Ideología. Estilística del enunciado. Dialogismo.

"la e vinha

E a cada coisa perguntava

Que nome tinha".

(ANDRESEN, 2018, p. 81)

Palavras iniciais

Sophia de Mello Breyner Andresen (1919-2004), ao publicar o poema "Coral", em livro homônimo (1950), nos presenteia com uma instigante imagem poética: a deambulação de um eu-lírico que, entre idas e vindas irresolutas no tempo, não prescinde do nome das "coisas". Pelo contrário, ao contemplá-las, requisita que, em sua própria linguagem, revelem seu nome. Em nossa leitura, a cena poética não instaura um movimento unidirecional: ao conhecer o mundo à sua volta, a persona lírica conhece também a si mesma. A "coisa", por sua vez, se comunica no acontecimento do olhar interessado de quem a interpela. Então, enfrentando a alteridade da palavra do outro, "coisa" e "sujeito" se alteram mutuamente, pois a contraposição entre eles funda algo que antes não existia para ambos. Nesse cenário, a palavra, o "nome", torna-se lugar de encontro e de (re)conhecimento mútuo.

A leitura do poema que prefacia este artigo nos instiga a interrogar a relação de alteridade como eixo de articulação entre linguagem e subjetividade. Desenvolvemos essa interrogação com base no ideário filosófico bakhtiniano, assim como nas pesquisas a ele afiliadas, no qual a alteridade perpassa as teorias sobre a linguagem e sobre o sujeito, sendo tematizada de forma mais ou menos explícita nos escritos de Bakhtin e o Circulo.² Conforme pontua Di Fanti (2020, p. 10), o enunciado concreto, conceito amplamente produtivo nas análises discursivas desenvolvidas em nosso campo, "forma-se na relação entre o eu e o outro, em uma concorrência de discursos, vozes em circulação, que, num jogo de tons emotivo-volitivos, dá vida à palavra e revela um

² A expressão "Circulo de Bakhtin" designa um grupo de intelectuais, de distintas áreas de formação, que se reuniram em Nevel, Vitebski e Leningrado entre os anos de 1919 e 1929, para refletir sobre questões atinentes à filosofia, à literatura, à linguagem, à biologia etc. Além de M. Bakhtin (1895-1975), V. Volóchinov (1895-1936) e P. Medviédov (1892-1938), as discussões contavam também com I. Kanaev (1893-1983), M. Kagan (1889-1937), L. Pumpianskii (1891-1940), M. Yudina (1899-1970), K. Vaguinov (1899-1934), I. Sollertinski (1902-1944) e B. Zubakin (1849-1937) (BRAIT; CAMPOS, 2016). Em suas obras, a contribuição dos três primeiros autores à área dos estudos da linguagem revela uma estreita convergência teórico-metodológica, a qual se faz presente também nos escritos de Bakhtin a partir dos anos 1930. Nesse sentido, sem ignorarmos as singularidades dessas produções e o tenso diálogo empreendido nas concepções cunhadas, referimo-nos à totalidade desses escritos tanto como do Circulo de Bakhtin como do "pensamento bakhtiniano" ou "ideário bakhtiniano", independentemente da data de produção e da publicação dos escritos, acenando à colaboração efetiva que os formou (BARBOSA; DI FANTI, 2020).

sujeito relacional e inacabado". Quando escrutinamos não só esse conceito, mas também outros atinentes à análise da linguagem, a alteridade desponta como princípio articulador da pesquisa com e sobre os sentidos (DI FANTI, 2003), fazendo emergir um estatuto de sujeito constituído na e com a relação dialógica com o outro.

A própria pesquisa em Ciências Humanas, amparada por essa perspectiva, desenvolve-se sob as lentes da alteridade, privilegiando o ato de conhecer em sua efetiva dialogicidade. Como lemos em *Por uma metodologia das ciências humanas* (BAKHTIN, 2017b [1974]), a materialidade discursiva com que lidamos em nossas investigações é ocupada por sujeitos, aos quais respondemos no ato de conhecer: "Um texto só tem vida contatando com outro texto (contexto). [...] Por trás desse contato está o contato entre indivíduos e não entre coisas (no limite)" (BAKHTIN, 2017b, p. 67). A postura científica decorrente dessa concepção de materialidade discursiva implica a ativa interação entre o "horizonte do cognoscente com o horizonte do cognoscível" (BAKHTIN, 2017b, p. 58), entre pesquisador e objeto de pesquisa, o que resulta no diálogo de pelo menos duas consciências, pelo menos duas posições subjetivas. O ato de conhecer delinea-se, portanto, como movimento alteritário, ético, responsivo e responsável.

O estatuto da alteridade instaurada no ideário bakhtiniano é lida por Augusto Ponzio como a *dia-lógica do encontro*: a "lógica específica que torna possível a compreensão do sentido é uma *dia-lógica*. [...] Essa lógica da pergunta e da resposta, na qual se decide o sentido, sai dos limites de uma visão monológica" e abstrata, instaurando "concretos momentos de diálogo" na constituição de sentidos (PONZIO, A., 2012b, p. 142). Nessa mesma linha de pensamento, Bubnova (2011) indica que conceber ato como encontro implica reconhecê-lo como acontecimento de duplo enriquecimento entre eu-outro, sustentado numa relação mutuamente interessada.

Tais apontamentos são verificados, por exemplo, em *O autor e a personagem na atividade estética* (1922-1924), na defesa de que "quando

somos dois o que importa não é que além de mim exista *mais um indivíduo*, no fundo o *mesmo* (dois indivíduos), mas que ele sela *outro* para mim" (BAKHTIN, 2011b, p. 80, grifo do autor). Seguindo o pensamento bakhtiniano, compreendemos que o entrecchoque de centros de valores no ato é um encontro *porque* o outro-para-mim permanece nessa categoria, não se fundindo comigo. Então, a manutenção das posições singulares em contraposição no ato-acontecimento engendra movimentos alteritários, os quais são aspectos basais à construção de sentidos. Com isso, há uma significativa alteração (*alter-ação*) dos participantes desse acontecimento, o que entendemos ser um fator constitutivo da construção de subjetividades.

Com base no exposto, compreendemos que a linguagem é espaço de constituição de sujeitos e, nessa perspectiva, inquieta-nos discutir, a partir de uma pesquisa teórica sobre os sentidos e suas concretizações, facetas do encontro com o outro. Propomos, então, duas perguntas que nortearão esta reflexão: (a) como a perspectiva filosófica da alteridade possibilita-nos delinear uma dinâmica de (inter)constituição de subjetividades no encontro dialógico com o outro? e (b) de que maneira tal dinâmica de (inter)constituição desponta nas materialidades discursivas, permitindo-nos verificar o encontro de subjetividades como faceta nodal dos enunciados concretos? Partindo desse cenário, este artigo tem como objetivo apontar relações entre alteridade e linguagem nos escritos do Círculo de Bakhtin, ressaltando o encontro com o outro na (inter)constituição de subjetividades e de sentidos.

Metodologicamente, realizaremos uma pesquisa teórica com base nas obras de Bakhtin e o Círculo, dialogando com pesquisadores bakhtinianos, em três momentos. Na primeira seção, buscaremos responder à primeira pergunta, privilegiando os textos bakhtinianos escritos entre 1919 e 1924, assim como contemplaremos a noção de diálogo em textos subsequentes de Bakhtin e de Volóchinov, relacionando-a com a noção de alteridade. Na segunda seção, traremos possíveis respostas à segunda pergunta,

observando as reverberações da relação alteridade-dialogicidade nas teorizações sobre ideologia, consciência, heterodiscurso e estilística do enunciado. Enfocaremos, nessa seção, o encontro com a palavra outra, trazendo elementos teóricos para pensar o diálogo entre subjetividades já no interior dos enunciados. Por fim, na última seção, correspondente às considerações finais, abriremos para perguntas outras que possam animar pesquisas em nosso campo a respeito da *dia-lógica* do encontro de sujeitos na e pela linguagem. Passemos, então, à primeira seção.

Alteridade e subjetividade: o encontro com o outro no ato e no diálogo

Os aspectos que caracterizam o ato ético, responsivo e responsável na perspectiva bakhtiniana são registrados desde *Arte e responsabilidade* (BAKHTIN, 2011a [1919]). Discutindo as relações entre arte, ciência e vida, entendidas como três grandes facetas da cultura humana, o filósofo russo defende que elas se interpenetram apenas na unidade interna do sentido que forja o ato. Trata-se de uma unidade fundada na responsabilidade, a qual garante a inalienável implicação do sujeito que, em sua vida, afirma os saberes e as experiências vividas com a arte e a ciência. A responsabilidade do ato deflagra a maneira singular pela qual a trajetória histórica de *constituição* dos sujeitos coincide com a resposta-ato que vivifica a cultura e culturaliza a vida: "Pelo que vivenciei e compreendi na arte, devo responder com minha vida para que todo o vivenciado e compreendido nela não permaneçam inativos" (BAKHTIN, 2011a, p. XXVII-XXXIV). Embora cultura e vida não sejam a mesma coisa, busca-se a intercomunicação entre elas na unidade semântica concreta do ato responsável.

A filosofia do ato preza, portanto, pela não indiferença aos outros atos, passados e futuros, que atuam como fundo dialogante da trajetória do sujeito participante de determinada cultura, em um determinado tempo sócio-histórico. Por exemplo, na citação antes destacada, a resposta

aos sentidos precedentes é condição para que a memória cultural e artística não permaneça estanque, como um monumento inerte, mas se incorpore à irrepetibilidade da vida prática, a qual forja uma ambiência aberta à cadeia de novos sentidos. Nessa perspectiva, a responsabilidade que engendra o sentido do ato tem um caráter bidirecional, conforme lemos em *Para uma filosofia do ato responsável* (1920-1922): "O ato deve encontrar um único plano unitário para refletir-se em ambas as direções, no seu sentido e em seu existir", olhando, como um Jano bifronte, "para a unidade objetiva de um domínio da cultura e para a singularidade irrepetível da vida que se vive" (BAKHTIN, 2017a, p. 43).

O enfoque ao caráter bidirecional do ato nos permite pensar sentido e responsividade como aspectos dele constitutivos, cujo entrelaçamento demanda a responsabilidade. O sentido tem a ver com a singularidade do ato e do ser que nele se realiza, e tal realização se constitui como resposta à complexidade do existir, prenhe de sentidos outros. Como essa resposta é única e não fortuita, o sujeito é responsável pelos sentidos que assina como ser-evento, tendo em vista sua condição de "não álibi no existir", conforme lemos em *Para uma filosofia do ato* (1920-1922): "É essa afirmação do *meu não-álibi no existir* que constitui a base da existência sendo tanto dada como sendo também real e forçosamente projetada como algo ainda por ser alcançado" (BAKHTIN, 2017a, p. 99, grifo do autor). Como afirma Luciano Ponzio (2019), o não álibi no existir posiciona o eu "não segundo uma relação indiferente com o outro genérico, não com o [ser humano]³ em geral, mas enquanto envolvimento concreto com o passado, o presente e o futuro de pessoas reais" (PONZIO, L., 2019, p. 37). O caráter inconcluso do ser-evento reafirma a faceta ética do ato, tendo em vista a intrínseca e contínua relação de resposta ao outro, seja ele mais imediato – nosso interlocutor – ou menos imediato – a historicidade concreta do "passado, presente e futuro de pessoas reais".

Por esse olhar filosófico, o sentido é entendido

³ Em nosso texto, substituímos todas as ocorrências de "homem" por "sujeito", "ser humano" ou "ser".

em sua multiplicidade e concretude. No plano da multiplicidade, o trânsito entre esferas mais ou menos elaboradas da cultura valida-se na resposta a *sentidos outros* que precederam o ser, os quais são incorporados, de maneira mais ou menos consciente, embora sempre valorada, ao ato. No plano da concretude, a resposta consubstancia-se na atitude do *pensamento participativo*, ou da *consciência participativa*, que está com e pelo mundo, com e pelo o(s) outro(s), de maneira não indiferente àquilo que se correlaciona ao ser (PONZIO, A., 2018). Na lógica participativa, “estes dois momentos, portanto, seja o do sentido, seja o histórico-individual (factual), são dois momentos unitários e inseparáveis na valoração deste pensamento como meu ato responsável” (BAKHTIN, 2017a, p. 44), tornando o sentido concretamente valorado e alteritariamente referido.

Até agora, compreendemos o sentido do ato desde um plano primeiro de entrelaçamento responsável entre cultura e vida, entre história dos outros e vivência singular. Entretanto, há um segundo plano alteritário sem o qual a participação não pode ser pensada: a relação concreta eu-outro, que compõe a arquitetônica efetiva do mundo real do ato. “O princípio arquitetônico supremo do mundo real do ato é a contraposição concreta, arquitetonicamente válida, entre eu e outro” (BAKHTIN, 2017a, p. 142); nessa contraposição, dispõem-se centros axiológicos distintos, com juízos e visões de mundo singulares que se definem reciprocamente. Os centros de valores são centros humanos, “e tudo neste mundo adquire significado, sentido e valor somente em correlação com um ser humano, somente enquanto tornado um mundo humano” (BAKHTIN, 2017a, p. 124). Então, mesmo no ato-pensamento, que contempla, por exemplo, objetos culturais e históricos, há a humanização do passado: a história evocada pela consciência participante

reatualiza o tom emotivo-volitivo dos atos anteriores, na resposta a eles, superando distâncias temporais ou geracionais.

Na arquitetônica concreta do mundo real do ato, as complexas relações eu-para-mim (como eu me concebo), eu-para-o-outro (como o outro me concebe) e outro-para-mim (como eu concebo o outro) tornam-se momentos indispensáveis do encontro alteritário. “Estes momentos fundamentais são: eu-para-o-outro, o outro-para-mim e eu-para-o-outro; todos os valores da vida real e da cultura se dispõem ao redor destes pontos arquitetônicos fundamentais do mundo real do ato” (BAKHTIN, 2017a, p. 114). Nesse feixe de relações de alteridade, os sentidos e as valorações se forjam entre sujeitos, considerando a responsividade ética que os une em vínculo dialógico, assim como entre historicidades ou cronotopias, entre o tempo-espaço presente e os sentidos passados e latentes que constituem dada atmosfera cultural. Nesse entrechoque tensivo, o encontro de subjetividades engendra um enriquecimento multifacético para os atores nela implicados.

Em *O autor e a personagem na atividade estética* (1922-1924), Bakhtin (2011b) pontua que a relação eu-outro promove um mútuo engrandecimento condicionado pelo acontecimento do encontro. Para o pensador, a objetivação estética⁴ – o ato de criação artística – é onde melhor observamos esse processo. Na objetivação estética, consideramos a distância entre autor-criador,⁵ elemento constitutivo do objeto artístico, e o herói/personagem, com o mundo por ele habitado. A manutenção da distância é produtiva, porque garante a atenção interessada entre autor-criador e herói, assim como impede uma fusão entre eles. Por isso, o ato estético exemplifica uma série de outros acontecimentos “que têm como componente essa relação de *uma*

⁴ Ressaltamos que não se trata, como defende Augusto Ponzio (2018, p. 25), da valorização da arte em detrimento ao discurso cotidiano; pelo contrário, a “figuração literária” da palavra do outro explicita a dialogicidade já presente na vida cotidiana, mas a coloca em grau mais evidente, visto que o trabalho de criação envolve, necessariamente, a representação imagística da linguagem do outro.

⁵ Bakhtin (2011b) diferencia autor-criador de autor-pessoa. Enquanto o primeiro é entendido como elemento constitutivo do objeto estético, o segundo é o sujeito concreto, que se desdobra em criador no ensejo de relacionar-se com o personagem e representar artisticamente o mundo contemplado. Essa distância reforça o desenvolvimento do ato de criação na categoria do *outro*, único plano em que o mundo contemplado pode ser informado e avaliado: deve haver uma “distância no espaço, no tempo, nos valores e nos sentidos, que permitem abarcar *integralmente* a personagem”, para, com isso, “abarcar a ela e sua vida e completá-la até fazer dela um *todo* com os mesmos elementos que de certo modo são inacessíveis a ela mesma e nela mesma” (BAKHTIN, 2011b, p. 12, grifos do autor).

consciência com *outra* consciência precisamente como outra – e assim são todos os acontecimentos criativamente produtivos, que veiculam o novo, são únicos e irreversíveis" (BAKHTIN, 2011b, p. 79, grifo do autor). Nesse sentido, os atos *criadores*, aqueles que provocam o novo, decorrem de um encontro no qual a distância entre os polos singulares eu-outro torna possível tanto a mútua aproximação, quanto o mútuo retorno ao seu próprio lugar; com esses movimentos, os sujeitos não só se encontram, mas se alteram mutuamente.

Na tensão entre distância e aproximação, Bubnova (2011, p. 272) compreende que o encontro gera um "aconteSer", "ser juntos no ser", na tradução da expressão russa *sobytie bytia*. Juntos, próximos, mas não sobrepostos, o outro representa a alteridade absoluta em relação ao eu, o que "implica uma profunda personalização das posições dos sujeitos em interação" (BUBNOVA, 2013, p. 10). O outro, para Bubnova (2013, p. 12), representa uma "vantagem ontológica", pois somente na correlação com este é conferido o estatuto de "eu"; isso faz da alteridade a "condição de possibilidade para a existência, a fundadora do eu". Logo, entendemos que a perspectiva filosófica bakhtiniana prevê uma interconstituição eu-outro, a qual também atualiza a outridade da história em alteridade constitutiva para ambos os polos. Disso decorre que o encontro comporta "percurso" e "movimentos alteritários" de aproximação e de distanciamento entre sujeitos responsivos (DI FANTI, 2005), que se personalizam *porque* dialogam. Logo, a observância do movimento empático-exotópico se torna imprescindível à compreensão dessa dia-lógica.

Para Bakhtin (2011b, p. 22), seja na arte, seja na vida, ocupamos um lugar extralocalizado em relação ao outro, condicionado "pela singularidade e pela insubstituíbilidade do meu lugar no mundo". No manutenção da distância entre os polos axiológicos, há dois "momentos inseparáveis da contemplação" do outro: empatia e exotopia (DI FANTI, 2020, p. 15). No movimento alteritário de *empatia*, o sujeito compenetra-se do centro de valores do outro, coloca-se provisoriamente em

seu lugar, "como que coincide com ele" para, logo em seguida, retornar exotopicamente ao seu lugar (BAKHTIN, 2011b, p. 23). No retorno, "o material da compenetração pode ser assimilado em termos éticos, cognitivos ou estéticos"; a malha axiológica enfrentada empaticamente pode ser conhecida desde o próprio lugar (BAKHTIN, 2011b, p. 24). Nisso, é possível "completar o horizonte dele [do outro] com o excedente de visão que desse meu lugar se descortina" (BAKHTIN, 2011b, p. 23).

O excedente de visão resulta da posição extralocalizada de cada sujeito que, via movimento empático-exotópico, se enriquece com o outro. O filósofo da linguagem explica como, no indissociável movimento empático-exotópico, não só conheço o outro, mas com ele me altero ao encontrá-lo, sendo o encontro a possibilidade de me (re)conhecer pelo olhar do outro, pelo excedente de sua visão em relação a mim. A perspectiva axiológica da distância interessada, fruto da extralocalização não indiferente, engendra o excedente de visão, que, segundo Bakhtin (2011b, p. 23), é "um conjunto daquelas ações internas ou externas que só eu posso praticar em relação ao outro, a quem elas são inacessíveis no lugar que ele ocupa fora de mim", podendo "completar o outro justamente naqueles elementos em que ele não pode completar-se". A dádiva do encontro é, então, poder experimentar, pela palavra expressiva do outro, aquilo que somente ele pôde ver em mim: uma parte da minha subjetividade que apenas o encontro eu-outro descortina.

Por isso, a empatia pura não pode existir, dado que implicaria uma impostura do próprio lugar, uma insistência em imiscuir-se com o outro. Pelo contrário, a empatia é vivida de forma axiológica ativa e, mediante ela, "se realiza algo que não existia nem no objeto da empatia, nem em mim antes do ato da empatia, e o existir-evento se enriquece deste algo que é realizado, não permanecendo igual a si mesmo" (BAKHTIN, 2017a, p. 62). Compreendemos que o *novo* que se realiza nesse processo concerne ao enriquecimento do encontro, fruto da empatia, da exotopia e do excedente de visão.

Desse modo, entendemos que a potência

histórica humana é a potência do encontro, que contempla individualidades em tensão, em contínuos movimentos alteritários dialogicamente referidos. Trata-se de uma dia-lógica, de um encontro cuja estrutura acena ao *novo*, ao *outro*, e não ao mesmo (PONZIO, A., 2012b, 2016). No acontecimento do encontro, a relação de alteridade "pressupõe tensão entre diferenças, que não se fundem, mas se multiplicam ao infinito, fazendo brotar a tensão entre o repetível e o irrepetível, o mesmo e o outro, a estabilidade e a variabilidade" (DI FANTI, 2020, p. 14).⁶ Então, as subjetividades se interconstituem no encontro, o que implica infinda mudança/alteração subjetiva, haja vista o caráter inconclusível, "multiplicado ao infinito", da alteridade constitutiva do eu e dos sentidos.

Esses pressupostos filosóficos animam a concepção de diálogo para o Círculo de Bakhtin. Traçaremos, então, breves apontamentos sobre como a alteridade e a subjetividade se relacionam com a noção de diálogo, visto que as noções desenvolvidas sobre o ato ético, responsivo e responsável serão indispensáveis à compreensão da construção do enunciado desde o *princípio dialógico* que o forja (DI FANTI, 2003).

Em *Marxismo e filosofia da linguagem* (1929), Volóchinov (2018) faz uma especificação sobre o diálogo que será relevante à nossa discussão. Para além da interação face a face, o diálogo é, antes, condição de manifestação da própria interação discursiva. A dialogicidade do enunciado implica a orientação de qualquer ato-enunciado⁷ à "percepção ativa" do outro, assim como aos "discursos anteriores" que o precederam (VOLÓCHINOV, 2018, p. 219). Trata-se de uma trama de perguntas e de respostas que comporta também o *grande diálogo*, uma "discussão avaliativa" infinda, dado que cada enunciado "responde, refuta ou confirma algo, busca apoio e assim por diante" (VOLÓCHINOV, 2018, p. 219), nunca se exaurindo no contexto imediato do encontro. Seja em pequena ou em larga escala, dialogar é responder e apelar por respostas, garantindo

que qualquer enunciado *participe* da pequena e da grande história humana.

Em um adendo à obra *Problemas da poética de Dostoiévski* (1963), Bakhtin (2018) reformula algumas proposições acerca da análise dos romances dostoiévskianos, enfocando o papel do diálogo na objetivação artística do autor. Na visão de Bakhtin (2018, p. 322, grifo do autor), um aspecto relevante das novidades formais de Dostoiévski é o enfoque à radical dialogicidade da consciência humana: "[Dostoiévski] afirma a impossibilidade da solidão, da solidão ilusória. O próprio ser do [sujeito] (tanto interno quanto externo) é *convívio mais profundo*. Ser significa *conviver*". Os romances analisados evidenciavam a redefinição do ser atrelado ao diálogo, ao profundo convívio, mesmo na aparente solidude. Vejamos como, na parte final do adendo, Bakhtin (2018) sumariza sua avaliação da obra de Dostoiévski a partir do diálogo:

A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc. Nesse diálogo o [sujeito] participa por inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos. Aplica-se totalmente na palavra, e essa palavra entra no tecido dialógico da vida humana, no simpósio universal (BAKHTIN, 2018, p. 329).

Como viver é dialogar, compreendemos que o conceito de diálogo entendido de forma ampla supera a interação *encetada* por um dos interlocutores. Essa concepção "alude ao fato de que se fechar para o outro, expurgar o outro de uma vez por todas é impossível, ao fato de que o outro não pode ser ignorado, de que o envolvimento com o outro não pode ser evitado de modo algum" (PETRILLI, 2019, p. 74). Nesse sentido, tanto a alteridade como "fundadora do eu" (BUBNOVA, 2013, p. 12), quanto o conceito de diálogo dão-nos subsídios para pensar a formação da subjetividade tendo o encontro como dia-lógica estruturante.

Augusto Ponzio (2012a, p. 94) afirma que, na

⁶ Para Amorim (2007, p. 22), a alteridade está no "coração da especificidade humana".

⁷ Pelo termo "ato-enunciado", entendemos que o enunciado concreto é engendrado no ato responsivo e responsável de produção de sentidos com o outro, o que salienta o espraiamento das noções filosóficas da alteridade às teorizações sobre a linguagem (DI FANTI, 2020).

perspectiva bakhtiniana, desponta como característica nodal a "questão da dialogicidade estrutural do eu". Segundo o pensador, a "estrutura egológica é dialógica. O diálogo não está no meio entre um emissor e um receptor, mas é constitutivo deles" (PONZIO, A., 2012a, p. 94). O diálogo, seja ele face a face ou amplo, estrutura as subjetividades daqueles que produzem sentidos, os quais se encarnam em enunciados, vozes sociais e acentos avaliativos refrangidos no enunciado autoral. Portanto, o diálogo "não é resultado da iniciativa do eu, mas o lugar da constituição e manifestação do eu" (PONZIO, A., 2016, p. 286), assim como princípio de estruturação do sentido nas e pelas distintas materialidades discursivas.

Inspirado também pelo filósofo Emmanuel Levinas, Augusto Ponzio (2018, p. 15, grifo do autor) compreende que a concepção alteritária e dialógica bakhtiniana trata "da possibilidade de descobrir a alteridade *no coração da identidade*, de reencontrar o outro no mesmo, de apreender a relação com o outro" como aspecto definidor do eu. Há muitos *outros* habitando o eu e, portanto, o sujeito "nunca coincide consigo mesmo. A ele não se pode aplicar a forma de identidade: A é idêntico a A" (BAKHTIN, 2018, p. 67). Embora sua consciência apresente-se como uma unidade integral,⁸ tal unidade ganha seu estatuto *porque* responde ao outro. Por isso, o autor argumenta que Bakhtin empreende uma verdadeira revolução nas ciências humanas:

Nessa transferência da atenção da identidade à alteridade consiste a revolução *bakhtiniana*, que avaliada em termos de 'crítica', não somente literária, mas também filosófica, apresenta-se como *crítica da razão dialógica*, centrada na *responsabilidade sem álibi* na qual cada um encontra-se na sua inalienável alteridade (PONZIO, A., 2012b, p. 20, grifo do autor).

Entendemos que a prerrogativa da alteridade sobre a identidade não privilegie um sujeito des-

centrado, *cindido* pelo outro, mas sim, como nota Bakhtin (2018, p. 292, grifo do autor), descreva um sujeito do apelo: "pode-se dizer que o [sujeito] em Dostoiévski é o *sujeito do apelo*. Não se pode falar sobre ele, pode-se apenas se dirigir a ele". Estar em posição de apelo em relação ao outro é ir ao seu encontro como condição de se (re)conhecer *no e pelo* (re)conhecimento do outro (PONZIO, A., 2018). Sob o apelo, a formação da consciência "está voltada para fora", não pode ser pensada à parte ao "apelo vivo para si mesma e para os outros" (BAKHTIN, 2018, p. 292). A necessidade do apelo ao outro indicia a estrutura "egológica-dialógica" do sujeito, como referenda Augusto Ponzio (2012a): este não é uno, acabado, pronto, idêntico a si mesmo, mas encontra na alteridade a possibilidade de firmar sua identidade, *vindo a ser* no mais puro convívio com o outro.

Retomando nossa primeira pergunta, entendemos que onde *eu* estou, lá também está o *outro*, seja a historicidade da cultura, seja o interlocutor concreto ou presumido. A dinâmica de interconstituição de subjetividades é amparada pelo ato ético, que contrapõe centros de valores que se alteram no encontro. A singularidade e a extralocalização permitem a excedência entre eu-outro, a qual refere e altera dialogicamente o centro de valores próprios de cada indivíduo. Em nossa vida concreta, devemos conceber a arquitetônica do ato situada entre os já-ditos e os não ditos heterodiscursivos, permeada pela ideologia e pela linguagem. Sobre esses aspectos iremos nos debruçar na seção seguinte.

Encontro e (inter)constituição subjetiva: a tensiva emergência do outro no discurso

Em *O freudismo*: um esboço crítico (1927), obra de Volóchinov⁹ (2017) destinada a escrutinar as relações entre consciência, linguagem e

⁸ Por "unidade integral" da consciência, referendamos a crítica realizada por Volóchinov (2017) ao conceito freudiano de inconsciente, o qual teria sido interpretado como uma estrutura à parte da consciência. Para Volóchinov (2017), o pensamento mais vago de nossa consciência e o monumento cultural mais elaborado são, ambos, parte da cadeia ideológica de uma dada comunidade.

⁹ Embora a paternidade das obras disputadas do Círculo seja ainda controversa, os estudos de Grillo e Américo (2019) sobre os planos de trabalho de Volóchinov enquanto atuava no Instituto de História Comparada das Literaturas e Línguas do Ocidente e do Oriente (ILIAZV) dão-nos indícios de que o artigo "*Do outro lado do social: sobre o freudismo*", publicado por Volóchinov em 1925, expandiu-se em obra, no ano de 1927. No Brasil, dispomos da tradução de Paulo Bezerra, com a autoria aferida a Bakhtin. Neste artigo, referendamos a autoria de *O freudismo* a Volóchinov, em menções e citações textuais da obra, ao passo em que nos valemos da tradução de Bezerra.

ideologia tendo como interlocutor a psicanálise freudiana, observamos a incidência das reflexões sobre alteridade sob o construto de "segundo nascimento social" do sujeito. O autor defende que um sujeito, para se tornar ativo e produtivo, precisa, além de ter nascido biologicamente, nascer socialmente: "Para entrar na história é pouco nascer fisicamente: assim nasce o animal, mas ele não entra na história. É necessário algo como um segundo nascimento, um nascimento social" (VOLÓCHINOV, 2017, p. 11, grifo do autor). Tal batismo segundo do corpo implicaria a "localização social e histórica" desse sujeito, permitindo-o fazer "parte do todo social, na classe e através da classe" (VOLÓCHINOV, 2017, p. 11).

O segundo nascimento social retoma o pressuposto filosófico bakhtiniano da *consciência participativa*, desta vez desde as lentes da história e da ideologia (RIBEIRO; MOLL, 2020). Para que a consciência participe ativa e produtivamente da cultura, ela deve revestir-se de conteúdo ideológico. "Ao tomar consciência de mim mesmo, eu tento como que olhar para mim pelos olhos de outra pessoa, de outro representante do meu grupo social, da minha classe" (VOLÓCHINOV, 2017, p. 87). Tendo em vista a convergência dos pontos de vista ideológicos sobre o mundo de uma dada coletividade, entendemos que é prerrogativa da análise teórico-metodológica da consciência, enquanto força ativa da existência, a participação em um nível amplo de alteridade: a ideologia.

Em *Marxismo e filosofia da linguagem* (1929), Volóchinov (2018) discorre sobre as relações entre ideologia e linguagem, mais especificamente sobre o conceito de signo ideológico. O autor instaura uma equiparação entre ideologia e signo, indicando que a criação ideológica sempre se encarna "em um *material signico* específico, que é social, isto é, criado pelo [ser humano]" (VOLÓCHINOV, 2018, p. 96, grifo do autor) como espaço de interação discursiva. Encarnada signicamente, a ideologia não só reflete parte da realidade, mas também a refrata, "sendo por isso mesma capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la de um ponto de vista específico e assim por diante"

(VOLÓCHINOV, 2018, p. 93). Portanto, os signos ideológicos, para Volóchinov (2018), acompanham e comentam a organização das coletividades, testemunhando a estratificação e a disputa de sentidos, dos pontos de vista coletivos e individuais sobre a realidade material.

A palavra, assim como o signo, carrega em sua materialidade a pluriacentuação, a "pluralidade enfática", típica dos processos de reflexo e de refração da realidade (VOLÓCHINOV, 2018, p. 197). Por meio da refração, as ênfases avaliativas singularizam os pontos de vista de um determinado grupo social e não de outro. Com isso, instauram-se visões de mundo que se tensionam e se solidificam conjuntamente com as formas da língua, permitindo a formação de sentidos contrapontísticos. Para Volóchinov (2018, p. 140), toda palavra "é um pequeno palco em que as ênfases sociais multidirecionadas se confrontam e entram em embate", em uma arena de disputas verbo-ideológicas. Então, entendemos que a refração, enquanto espaço de comentário e avaliação a respeito da realidade material, pode revelar como a visão de um grupo social excede a visão de outro, enfatiza acidentalmente partes do real que outro grupo não enfatizaria. E, nessas excedências, as contradições sociais se sedimentam nos signos ideológicos, revelando os movimentos de aproximação e de distanciamento semânticos entre grupos sociais e indivíduos neles inseridos.

O conceito de ideologia no ideário bakhtiniano ressalta as relações contextuais constitutivas das materialidades discursivas, indicando que "toda forma de expressão do sujeito é considerada como material ideológico que está intimamente relacionado à esfera da atividade e às situações comunicativas em que os signos emergem" (BARBOSA; DI FANTI, 2020, p. 197). Com esse conceito, podemos compreender que o encontro de diferentes ênfases sociais na palavra sedimenta, historicamente, a maneira pela qual os indivíduos e suas coletividades correlacionam a experiência material ao seu contexto político, econômico, etário etc., e às suas atividades, refratando sentidos a ela. Então, a história signico-ideológica de

uma coletividade pode ser compreendida como a memória das relações de alteridade entre os participantes desse grupo ao criar sentidos sobre a realidade material. Emerge, assim, a consciência ideologicamente preenchida, discursivamente estruturada, sem a qual não podemos pensar a subjetividade.

Para Volóchinov (2018, p. 95), a consciência "só passa a existir como tal na medida em que é preenchida pelo conteúdo ideológico, isto é, pelos signos, portanto apenas no processo de interação social". Medviédev¹⁰ (2012, p. 56), em *O método formal nos estudos literários* (1928), corrobora a mesma tese ao pontuar que o meio ideológico, entendido como "consciência social de uma dada coletividade", é o meio da consciência individual: "Somente por meio dele e com seu auxílio a consciência humana abre caminho para o conhecimento e para o domínio da existência socioeconômica e natural". Ou seja, *por meio* da ideologia o sujeito se relaciona com sua coletividade e *com* a ideologia passa a ser um participante de um dado contexto cultural, o que é possível pelas formas do meio ideológico: "na língua, no gesto convencional, na imagem artística, no mito e assim por diante" (MEDVIÉDEV, 2012, p. 56). Logo, os dois autores entendem signo, ideologia e contato eu-outros em estreita proximidade.

Pelo viés da consciência, a palavra é entendida como discurso exterior apropriado pelo sujeito, gerando o psiquismo na forma de discurso interior, ao mesmo tempo social e individual: "Era necessário que a palavra primeiramente nascesse e amadurecesse no processo da comunicação social dos organismos, para depois entrar no organismo e se tornar palavra interior" (VOLÓCHINOV, 2018, p. 137). A dialética entre discurso interior e exterior, forjadora dos enunciados, evidencia como o batismo social do corpo prevê a alteridade no centro da subjetividade: todas as formas de compreensão de si, do outro e do

mundo dos outros convergem com a presença da palavra interior, a qual era, antes, palavra exterior, amálgama histórico de ênfases sociais precedentes, cadeia ideológica infinda.

Por esse viés, a relação entre sentido e ideologia prevê a dialética viva e inconclusa entre o discurso exterior, formado por múltiplas posições subjetivas ideológica e discursivamente encarnadas ao longo da história, e o discurso interior, que se constitui na resposta à diversidade concreta de vozes sociais. "O horizonte ideológico está em constante formação, considerando que o [sujeito] não estacou em um atoleiro da vida. Tal é a dialética da vida viva" (MEDVIÉDEV, 2012, p. 63). O horizonte ideológico pode ser compreendido como esse espaço de profunda convivência intersubjetiva, de contraponto entre subjetividades que se constituem com e pelas materialidades ideológicas, sendo tal constituição debitária da resposta à grande história de formação de subjetividades e sentidos, de modo inseparável. Por isso, tal horizonte ideológico está sempre em estado de renovação e devir. Logo, palavra e ideologia estão para a consciência, assim como o diálogo inconcluso está para o sujeito: nas fronteiras entre o próprio e o alheio, entre o evento e a história, único caminho de conjugar singularidade e liberdade, tão característica da teoria bakhtiniana (FARACO, 2009).

Para Medviédev (2012, p. 50), o meio ideológico situa-se "entre nós", garantindo a "relação social de compreensão, isto é, da união e da coordenação mútua das reações das pessoas diante de um signo dado". Isso indica que a ideologia é um espaço alteritário capaz de reunir atividade, necessidade histórico-material e sentido. Em *O discurso no romance* (1930-1936), a historicidade do meio ideológico, dos embates pluriênfáticos no interior das palavras, nas quais se estabilizam os distintos pontos de vista acerca do mundo, é analisado por Bakhtin (2015) pelo viés do heterodiscurso. Circundante *ao* e constitutivo *do* sujeito,

¹⁰ Medviédev (2012, p. 43), para além do conceito de meio ideológico, traz outras contribuições importantes para o "estudo detalhado das particularidades específicas, da peculiaridade qualitativa de cada campo da criação ideológica", como os conceitos de gêneros do discurso (em sua dupla orientação), de avaliação social, das dinâmicas de refração dos campos da criação ideológica etc. Não teremos espaço para debater a riqueza de *O método formal nos estudos literários*, tendo em vista nosso ensejo de trazer um panorama amplo das tessituras conceituais nas obras do Círculo.

o heterodiscurso é a realidade "entre" distintas coletividades, instaurando o enlace entre eu-outros como condição de instauração de sentidos.

Conforme Bakhtin, (2015, p. 40, grifo do autor), as sociedades estratificadas, aglutinadas e separadas conforme necessidades materiais específicas, fazem da língua um espaço ideologicamente ocupado: ela é "*ideologicamente preenchida*, a língua enquanto cosmovisão e até como uma opinião concreta que assegura um *maximum* de compreensão mútua e, todos os campos da vida ideológica". A multiplicidade de ocupações concretas, coletivas e individuais, forma as línguas sociotípicas. Para Bakhtin (2015, p. 66), a língua "é inteiramente heterodiscursiva: é uma co-existência concreta de contradições socioideológicas entre o presente e o passado, entre diferentes épocas do passado, entre diferentes grupos socioideológicos do presente" e assim por diante.

Nascer numa dessas línguas sociotípicas, ser permeado por um dado sistema acentual ou por outro, responder ao entrecchoque de certas vozes sociais e não de outras, implica a *participação* em um sistema valorativo histórico, engendrado entre passado, presente e futuro pelas subjetividades, em diálogo com as coletividades. Visto que nascemos permeados pelo heterodiscurso, a formação da consciência "é justamente essa tensa luta que em nós se desenvolve pelo domínio de diferentes pontos de vista, enfoques, tendências e avaliações verboideológicas" (BAKHTIN, 2015, p. 140). Disso decorre que a língua de que o sujeito se apropria em seu discurso interior não é a estrutura linguística formal; pelo contrário, a língua já transitava, historicamente, "em lábios alheios, em contextos alheios, a serviço de intenções alheias: é daí que deve ser tomada e tornada sua" (BAKHTIN, 2015, p. 69). A resposta à palavra alheia na consciência é a inalienável necessidade estrutural de dialogar com a palavra *do outro*, de outros concretos que já enunciaram antes e que sedimentaram sua *presença* no heterodiscurso.

A relação entre ideologia, linguagem e consciência em sua historicidade revela o estatuto *encarnado* do sentido. Na visão de Morson e

Emerson (2008, p. 153), podemos falar em sentidos "corporificados", visto que, no ideário bakhtiniano, "a corporificação se faz necessária para a expressão genuína". Então, podemos pensar a ideologia encarnada nas línguas heterodiscursivas e, com isso, no discurso interior que preenche as consciências na resposta ao heterodiscurso, como *espaços encarnados de alteridade histórica*, como memória de *presença* humana que entra em correlação com a subjetividade na apropriação responsiva dos enunciados alheios. Isso instaura, na lida com os sentidos, a presença do outro no discurso.

O outro no discurso pode ser mais bem observado nas análises estilísticas desenvolvidas por Bakhtin e o Círculo. Para Volóchinov (2018, p. 205, grifo do autor), a objetivação da palavra, na dialética entre discurso interior e exterior, prevê a relação responsiva a um interlocutor, testemunhando um vínculo dialógico entre eles: "Em sua essência, *a palavra é um ato bilateral*. Ela é determinada tanto por aquele *de quem* ela procede quanto por aquele *para quem* se dirige". Enquanto "ponte que liga o eu ao outro", a definição de palavra registrada por Volóchinov (2018, p. 205) pode se aproximar das proposições alteritárias de Bakhtin (2017a) quanto à arquitetura concreta do mundo real do ato. Se o ato prevê os momentos eu-para-mim, eu-para-o-outro e outro-para-mim, o sentido é debitário da vinculação responsiva eu-outro; se o sentido é sempre material e ideologicamente encarnado, o enunciado objetiva as relações de alteridade entre sujeitos enquanto momentos concretos do diálogo produtor de sentidos. Nessa senda, o estilo – as escolhas atinentes ao material discursivo e à sua disposição, bem como à organização do discurso autoral – pode ser um aspecto teórico-metodológico que ampare o estudo da (inter) constituição de subjetividades como aspecto nodal do enunciado concreto.

Em *O freudismo*, Volóchinov (2017) argumenta que o acontecimento social do encontro entre sujeitos determina tanto a interpretação-compreensão desse evento, quanto a estruturação dos enunciados nele forjados. Uma dinâmica de

interação discursiva indicia as "complexas inter-relações sociais das quais uma dada enunciação é a interpretação ideológica" (VOLÓCHINOV, 2017, p. 80), tanto em nível de discurso interior, quanto em nível de discurso exterior. Desde *A palavra na vida e a palavra na poesia: para uma poética sociológica* (1926), Volóchinov (2019a) já pontuava que o contexto extraverbal do enunciado, composto pelas avaliações sociais, pelo cenário em que a interação se desenrola e pelo entendimento compartilhado dos temas em jogo interação, preenche por fora e altera por dentro a estrutura dos enunciados. Estilisticamente, o enunciado testemunha "uma espécie de 'roteiro' de um acontecimento" (VOLÓCHINOV, 2019a, p. 129), o qual, além de refletir a estrutura objetiva de interação verbal, também refrata a maneira como as subjetividades em jogo se materializam no discurso.

Em *A palavra e sua função social* (1930), Volóchinov (2019b, p. 309, grifo do autor) afirma que qualquer construção verbal, penetrada por dentro pela ideologia, expressa e realiza "não só por meio de seu conteúdo, mas também pela sua própria forma, a *relação* do falante com o mundo e as pessoas, bem como a relação com dada situação e dado auditório".¹¹ Esse feixe de relações alteritárias encarna-se nos enunciados, segundo o autor, por meio da entonação expressiva, da escolha e da disposição de palavras. Para Volóchinov (2019b), o enunciado *plasma* o evento do encontro alteritário – a interação verbal – nas formas do discurso, levando em consideração o auditório social, o contexto valorativo atinente ao momento sócio-histórico, econômico e político do encontro.

Em *A construção do enunciado* (1930), Volóchinov (2019c) associa a estilística do enunciado à sociogenicidade da consciência humana. O próprio pensamento sobre determinados temas

e objetos adquire uma *forma* semelhante ao diálogo. Nosso discurso interior "toma a forma de perguntas e respostas, de afirmações e negações posteriores – em síntese, nosso discurso fragmenta-se em *réplicas* isoladas, mais ou menos extensas, ou seja, toma uma forma *dialógica*" (VOLÓCHINOV, 2019c, p. 275, grifo do autor). Poderíamos pensar, então, em uma *estilística do discurso interior*¹² como memória das enunciações encarnadas precedentes e atuais, com as quais o sujeito dialoga, reatualizando *cenas* de interação – contextos situacionais, axiológicos, sociopolíticos – que constituíram esses enunciados e que estruturam a lógica do pensamento.

Para o autor, há uma *orientação social* da consciência e do enunciado, típica de sua estilística, sendo uma das "forças vivas organizadoras que, junto com as condições do enunciado (a situação), constituem não somente a sua força estilística, mas até mesmo sua estrutura puramente gramatical" (VOLÓCHINOV, 2019c, p. 280). Essa orientação contempla o plano amplo da alteridade, na figura do auditório e das ideologias, assim como o plano mais imediato, na objetivação do enunciado responsivo ao outro concreto. Assim como o enunciado é orientado para o social, também o é a consciência; trata-se do *apelo* às palavras dos outros, a partir do qual nos constituímos e produzimos sentido. A subjetividade se instaura, portanto, já na estrutura gramatical que compõe o enunciado. A disposição estilística, além de compreender as formas da língua, compreende, antes, as formas de inter-relação entre sujeitos e mundo, haja vista o teor ideológico constitutivo da materialidade discursiva. Como afirma Volóchinov (2019a, p. 143), o estilo é, "pelo menos, dois [sujeitos], mais precisamente, o [indivíduo] e seu grupo social na pessoa do seu representante autorizado, ou seja, o ouvinte que é um participante constante do discurso interior

¹¹ O conceito de auditório social, para o referido autor, está para além da presença física de coparticipantes no evento de interação discursiva. Em *A construção do enunciado*, Volóchinov (2019c, p. 280) indica que o auditório compreende todos os componentes ideológicos e avaliativos do grupo social dos coparticipantes, "isto é, do pertencimento de classe dos interlocutores, dos seus bens, da profissão, do cargo" etc. Esse conceito acena à orientação social do enunciado e à "vivência do nós", aquela que destina um coral de apoio às avaliações e pontos de vista em jogo nos enunciados (VOLÓCHINOV, 2018).

¹² Em *O que é língua/linguagem?* (1930), Volóchinov (2019d, p. 262) explana a relação dialética entre discurso exterior e interior a partir da estilística dos textos artísticos: "O estilo do discurso interior deve determinar o estilo do discurso exterior, apesar de este exercer uma influência inversa sobre aquele". Essa discussão remonta à influência inversa da expressão no psiquismo (VOLÓCHINOV, 2018), na qual as formas possíveis de objetivação determinam a estruturação da consciência, exercendo sobre ela um caráter definidor e organizador.

e exterior [do ser humano]". Logo, a estilística do enunciado encaminha a contemplação das relações alteritárias e sociológicas que materializam a resposta do sujeito à sua coletividade, ao seu momento sócio-histórico e ao outro concreto no ensejo de construir sentidos.

Os arcabouços metodológicos às análises estilísticas são robustecidos por Bakhtin (2015) em *O discurso no romance*, ao defender que o estilo concerne às tensões dialógicas internas e externas ao enunciado, conforme podemos ler no seguinte excerto destacado:

Nas manifestações da dialogicidade interna do discurso (da dialogicidade interna à diferença do diálogo externo composicional) que aqui examinamos, a atitude em face à palavra do outro, da enunciação do outro é da competência do estilo. O estilo inclui organicamente indicações externas e a correspondência dos seus elementos com elementos do contexto do outro. A política interna do estilo (a combinação de elementos) é determinada por sua política externa (pela relação com a palavra do outro). É como se a palavra vivesse na fronteira do meu contexto e do contexto do outro (BAKHTIN, 2015, p. 57).

Nessa perspectiva, o estilo tanto é manifestação do diálogo estruturante do eu, quanto é materialização dos feixes de relações alteritárias, ideológicas e valorativas que semantizam o encontro entre sujeitos dialógicos. No estilo, o encontro com a palavra do outro é sempre encontro com a palavra viva, visto que esta, independentemente de distâncias históricas, "pode ser reatualizada através dessa sua recondução à relação de alteridade como contato, como envolvimento e interpelação" (PONZIO, A., 2020, p. 217). Então, para além de organizar o enunciado, o estilo organiza e indicia as projeções, as exceções, as hierarquias entre sujeitos que, em encontro mais ou menos imediato, produzem sentido. Podemos analisar o estilo individual, típico da posição extralocalizada e singular do sujeito em face ao outro, somente no diálogo com o estilo do outro – do gênero do discurso, das épocas, das atividades... A dialogicidade estilística – da consciência, da interação discursiva, do enunciado – é o cenário interno e externo dos encontros, dando-se a conhecer já na composi-

cionalidade e na expressividade dos enunciados, desde que nosso olhar esteja atento ao contato humano que deles emerge.

No retorno à segunda pergunta que balizou esta seção, percebemos as relações entre alteridade e dialogicidade no caráter ideologicamente encarnado das materialidades discursivas – as exceções, os reflexos e as refrações em disputa no signo ideológico; na estrutura da consciência – internamente preenchida por tais disputas e pela memória enunciativa das palavras dos outros; e no heterodiscurso – no qual, historicamente, vozes entram em embate responsivo à ocupação de diferentes pontos de vista individuais e coletivos. O estilo, enquanto aspecto atinente à estruturação objetiva dos enunciados, permite emergir, em nossas análises, a (inter)constituição de subjetividades *pari passu* a formação de sentidos e a transformação histórica das coletividades, revelando um sujeito inacabado que, ao produzir sentidos, evoca o outro no discurso.

Diálogos inconclusivos: ao encontro de perguntas outras

Ao longo deste artigo, preocupamo-nos em realizar dois movimentos: observar as noções de alteridade e de diálogo nos escritos de Bakhtin e Volóchinov no delineamento das dinâmicas de (inter)constituição de subjetividades e observar tal delineamento nas conceituações de ideologia, de consciência, de heterodiscurso e de estilística do enunciado, a partir do Círculo. Retornando a nosso objetivo geral, apontamos como alteridade, linguagem e subjetividade podem ser relacionadas na análise das materialidades discursivas, caso elucidemos o encontro de palavras e de acentuações enquanto movimento basal à construção de sentidos, ou, como afirma Augusto Ponzio (2018), enquanto *dia-lógica* típica do eu e do discurso. Em nossos apontamentos, a estilística mostrou-se um relevante caminho metodológico ao estudo da emergência das subjetividades na objetivação dos enunciados, ressaltando o teor filosófico que a lida com os sentidos adquire nos estudos bakhtinianos.

Dessa discussão, sublinhamos uma especificidade da teoria bakhtiniana e de sua perspectiva acerca da produção de conhecimento: a valorização do humano como centro dos sentidos. Retomando Bakhtin (2017b, p. 59, grifo do autor), o "ser *expressivo e falante*", ao se expressar, enuncia-se na resposta ao outro, constituindo-se nesse processo alteritário. Nas análises estilísticas, em que a concretude linguística é mostrada, caracterizamos a pesquisa como um diálogo com outro ser humano, e não com uma *coisa*, com uma supostamente neutra materialidade linguística. Sob tal postura, é possível reiterar o diálogo como princípio alteritário da vida concreta do sujeito e da linguagem: "o outro apresenta-se em diferentes graus de presença no enunciado, às vezes é visível, às vezes está escondido, mas sempre está lá; constitui um princípio alteritário" (DI FANTI, 2003, p. 98). Descoisificar o humano torna-se uma postura ética de pesquisa, conjugando ciência, teoria e vida em consciências participantes do encontro alteritário.

Em um movimento de abertura a perguntas outras em nosso campo, indagamo-nos sobre uma possível relação entre a (dia)lógica construcional dos enunciados – e formativa dos sujeitos – com uma antropologia dialógica. Nessa intersecção, as materialidades discursivas analisadas permitiriam o estudo das formas de aproximação, de distanciamento e de constituição de sujeitos na e pela linguagem. Desde um olhar dialógico, o estilo, por exemplo, poderia guiar um estudo das formas históricas de (trans)formação das relações alteritárias em diferentes contextos sociais, ressaltando o "roteiro", tanto externo quanto interno, dos encontros com os outros, nas mais distintas atividades humanas.

Retornando ao poema de Andresen (2018), seria possível contemplar as idas e vindas dos sujeitos em seus trajetos *apelando* ao nome dos outros, às palavras dos outros, promovendo, no encontro, o duplo enriquecimento dos polos em tensão. Na linguagem, o estranho, a "coisa", humaniza-se na correlação com outro ser humano e altera seu eixo de referências valorativas, sua identidade, suas possibilidades de expressão. Do texto como coisa, lemos o poema como a obje-

tivação estética de uma arquitetônica na qual a relação alteritária constrói, na e pela linguagem, a subjetividade, o "nome" que é possível ser dado a si mesmo e ao outro, no diálogo. Como pesquisadores, poderíamos observar, a cada evento de interação discursiva, a (trans)formação das subjetividades, o enriquecimento delas, nos momentos dialógicos concretos do encontro.

Referências

- AMORIM, Marília. *Raconter, démontrer, ... survivre. Formes de savoirs et de discours dans la culture contemporaine*. Paris: Édition Érès, 2007.
- ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. *Coral e outros poemas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- BAKHTIN, Mikhail. Arte e responsabilidade [1919]. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011a. p. XXXIII-XXXIV.
- BAKHTIN, Mikhail. O autor e a personagem na atividade estética [1922-1924]. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011b. p. 3-192.
- BAKHTIN, Mikhail. *Teoria do romance I: a estilística*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015.
- BAKHTIN, Mikhail. O texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas [1959-1961]. In: BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016. p. 71-107.
- BAKHTIN, Mikhail. *Para uma filosofia do ato responsável* [1920-1924]. Tradução de Valdemir Miotello, Carlos Alberto Faraco. 3. ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017a.
- BAKHTIN, Mikhail. Por uma metodologia das ciências humanas [1974]. In: BAKHTIN, Mikhail. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2017b. p. 57-79.
- BAKHTIN, Mikhail. Fragmentos dos anos 1970-1971. In: BAKHTIN, Mikhail. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2017c. p. 21-56.
- BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski* [1963]. Tradução de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018.
- BARBOSA, Vanessa Fonseca; DI FANTI, Maria da Glória Corrêa. Notas sobre gêneros do discurso em Bakhtin, Volóchinov e Medviédov. In: ROCHA, Décio; DEUSDARÁ, Bruno; ARANTES, Poliana; PESSÔA, Morgana (org.). *Em discurso 4 – Pesquisar com gêneros discursivos: interpellando mídia e política*. Rio de Janeiro: Cartolina, 2020. p. 185-200.
- BRAIT, Beth; CAMPOS, Maria Inês Batista. Da Rússia czarista à web. In: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin e o Círculo*. São Paulo: Contexto, 2016. p. 15-30.

BUBNOVA, Tatiana. Voz, sentido e diálogo em Bakhtin. Tradução de Roberto Leiser Baronas, Fernanda Tonelli. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 268-280, 2011.

BUBNOVA, Tatiana. O princípio ético como fundamento do dialogismo em Mikhail Bakhtin. Tradução de Maria Inês Batista Campos, Nathália Rodrighero Salinas Polachini. *Conexão Letras*, Porto Alegre, v. 8, n. 10, p. 9-18, 2013.

DI FANTI, Maria da Glória Corrêa. A linguagem em Bakhtin: pontos e pespontos. *Veredas*, Juiz de Fora, v. 7, n. 1 e n. 2, p. 95-111, 2003.

DI FANTI, Maria da Glória Corrêa. A tessitura plurivocal do trabalho: efeitos monológicos e dialógicos em tensão. *Alfa*, São Paulo, v. 49, n. 2, p. 19-40, 2005.

DI FANTI, Maria da Glória Corrêa. Notas sobre a alteridade em Bakhtin. In: PASCHOAL, Cristiano *et al.* (org.). *Círculo de Bakhtin*: alteridade, diálogo e dialética. Porto Alegre: Polifonia, 2020. p. 7-28.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem & diálogo*: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GRILLO, Sheila Vieira de Camargo; AMERICO, Ekaterina Vólkova. Registros de Valentin Volóchinov nos arquivos do ILIAZV. In: VOLÓCHINOV, Valentin. *A palavra na vida e a palavra na poesia*: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Tradução de Sheila Grillo, Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019. p. 7-56.

MEDVIÉDEV, Pável. *O método formal nos estudos literários*: introdução crítica a uma poética sociológica [1928]. Tradução de Sheila Vieira de Camargo Grillo, Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2012.

MORSON, Gary Saul; EMERSON, Caryl. *Mikhail Bakhtin*: criação de uma prosaística. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

PETRILLI, Susan. A visão do outro: palavra e imagem em Mikhail Bakhtin. In: BAKHTIN, Mikhail. *O homem ao espelho*: apontamentos dos anos 1940. Tradução de Marisol Barenco de Mello, Maria Leticia Miranda. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019. p. 67-105.

PONZIO, Augusto. *Dialogando sobre o diálogo na perspectiva bakhtiniana*. Tradução de Valdemir Miotello, alunos. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012a.

PONZIO, Augusto. O símbolo e o encontro com o outro na obra de Bakhtin. In: BAKHTIN, Mikhail; DUVAKIN, Viktor. *Mikhail Bakhtin em diálogo – Conversas de 1973 com Viktor Duvakin*. Tradução de Daniela Miotello Mondardo. 2. ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012b. p. 9-20.

PONZIO, Augusto. *No Círculo com Mikhail Bakhtin*. Tradução de Valdemir Miotello, Hélio Pajeú, Carlos Turati, Daniela Mondardo. 2. ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016.

PONZIO, Augusto. *Encontro de palavras*: o outro no discurso. Tradução de Valdemir Miotello, Cleber Conde, Camila Scherma, Ana Dias, Marina de Figueiredo, Roberto Baronas. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018.

PONZIO, Augusto. *Livre Mente*: processos cognitivos e educação para a linguagem. Tradução de Marcus Vinicius Borges Oliveira, Marisol Barenco de Mello. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

PONZIO, Luciano. *Ícone e afiguração*: Bakhtin, Malevitch, Chagall. Tradução de Guido Alberto Bonomini, Cecília Maculan Adum, Vanessa Della Peruta. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019.

RIBEIRO, Kelli da Rosa; MOLL, Eduardo da Silva. Ideologia, autoria e responsabilidade: o sujeito na contrapalavra d'O freudismo. *RevLet*, Goiás, v. 12, n. 2, p. 347-365, 2020.

VOLÓCHINOV, Valentin.¹³ *O freudismo*: um esboço crítico [1927]. Tradução de Paulo Bezerra. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.

VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem*: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem [1919]. Tradução de Sheila Vieira de Camargo Grillo, Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2018.

VOLÓCHINOV, Valentin. A palavra na vida e a palavra na poesia: para uma poética sociológica [1926]. In: VOLÓCHINOV, Valentin. *A palavra na vida e a palavra na poesia*: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Tradução de Sheila Grillo, Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019a. p. 109-146.

VOLÓCHINOV, Valentin. Estilística do discurso literário III: A palavra e sua função social [1930]. In: VOLÓCHINOV, Valentin. *A palavra na vida e a palavra na poesia*: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Tradução de Sheila Grillo, Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019b. p. 306-336.

VOLÓCHINOV, Valentin. Estilística do discurso literário II: A construção do enunciado [1930]. In: VOLÓCHINOV, Valentin. *A palavra na vida e a palavra na poesia*: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Tradução de Sheila Grillo, Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019c. p. 266-305.

VOLÓCHINOV, Valentin. Estilística do discurso literário I: O que é língua/linguagem [1930]. In: VOLÓCHINOV, Valentin. *A palavra na vida e a palavra na poesia*: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Trad. Sheila Grillo, Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019d. p. 234-265.

Eduardo da Silva Moll

Licenciado em Letras Português/Inglês pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG), em Rio Grande, RS, Brasil. Estudante de pós-graduação no Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS/CNPq), em Porto Alegre, RS, Brasil. Bolsista de Mestrado do CNPq.

¹³ Para mais explicações sobre a referendada autoria, favor consultar nota explicativa n. 5.

Maria da Glória Corrêa di Fanti

Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), em São Paulo, SP, Brasil. Professora-pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PPGL/PUCRS), em Porto Alegre, RS, Brasil. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq.

Endereço para correspondência

Eduardo da Silva Moll/ Maria da Glória Corrêa di Fanti
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Av. Ipiranga, 6.681, Prédio 9, sala 401
Partenon, 97010-082
Porto Alegre, RS, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do(s) autor(es) antes da publicação.